



UMA NOVA RAZÃO DE MUNDO: ENSAIO SOBRE AS POTENCIALIDADES DA GINÁSTICA PARA TODOS FRENTE À RACIONALIDADE NEOLIBERAL

Fernanda Raffi Menegaldo*
Marco Antonio Coelho Bortoleto**

RESUMO

Este ensaio discute traços da sociedade contemporânea, destacando a noção de “racionalidade neoliberal” forjada por Pierre Dardot e Christian Laval, na qual destacam-se tendências como a competição generalizada e os sistemas de concorrência, bem como a centralização no indivíduo e o processo de mercantilização das relações humanas. Como contraponto, analisamos características da Ginástica para Todos (GPT) numa perspectiva sociológica-praxiológica, argumentando que a sua prática regular pode contribuir para a construção de uma lógica social fundamentada na coletividade, constituindo-se, portanto, numa prática de resistência.

Palavras-chave: Ginástica; Lógica interna; Sociedade; Coletividade; Esporte.

A NEW WAY OF THE WORLD: AN ESSAY ON THE POTENTIALITIES OF GYMNASTICS FOR ALL AND THE NEOLIBERAL RATIONALITY

ABSTRACT

This essay discusses aspects of contemporary society, highlighting the notion of “neoliberal rationality” built by Pierre Dardot and Christian Laval. This notion is characterized by trends such as generalized competition, the centralization of the individual and the process of commodification of human relations. As a counterpoint, we analyze the Gymnastics for All (GfA) from a sociological-praxiological perspective, arguing that its regular activity can contribute to the construction of a social logic based on collectivity and cooperation, making this gymnastics an alternative to neoliberal tendencies.

Keywords: Gymnastics; Internal logic; Society; Collectivity; Sport.

UNA NUEVA RAZÓN EN EL MUNDO: ENSAYO SOBRE LAS POTENCIALIDADES DE LA GIMNÁSTICA PARA TODOS FRENTE A LA RACIONALIDAD NEOLIBERAL

RESUMEN

Este ensayo discute las características de la sociedad contemporánea, destacando la noción de “racionalidad neoliberal” forjada por Pierre Dardot y Christian Laval, en la que destacan tendencias como la competición generalizada y los sistemas de competencia, la centralización en el individuo

* Doutoranda em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – FEF/UNICAMP. Professora do Centro Universitário Fundação Hermínio Ometto – FHO/UNIARARAS. E-mail: fernandaraffimenegaldo@gmail.com.

** Doutor pela Universidade de Lleida na Espanha. Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. E-mail: bortoleto@fef.unicamp.br.

y el proceso de mercantilización de las relaciones humanas. Como contrapunto, analizamos algunas características de la Gimnasia para Todos (GPT), desde una perspectiva sociológico-praxiológica, argumentando que su práctica regular puede contribuir a la construcción de una lógica social basada en la colectividad, constituyéndose así una práctica de resistencia.

Palabras clave: Gimnasia; Lógica interna; Sociedad; Colectividad; Deporte.

INTRODUÇÃO

A complexidade da sociedade contemporânea revela múltiplas formas de ser e de estar no mundo que atravessam dimensões e experiências individuais e coletivas. Não são poucos os estudiosos que, nas últimas décadas, têm se empenhado na tarefa de compreender os engendramentos sociais de nossos tempos. Assim, se existe algo que costura muitas dessas obras – mesmo que tenham sido forjadas em diferentes perspectivas – é a influência desse cenário e de suas respectivas formas de produção, organização e consumo na vida cotidiana. Mais do que isso, também permeiam essas teorias as formas de relação e de convivência entre os sujeitos. Nesse sentido, entre as diferentes possibilidades de leitura desses engendramentos, Dardot e Laval (2016) articulam uma proposta em que o neoliberalismo é entendido como uma racionalidade, mais do que uma ideologia ou política econômica. Com efeito, trata-se de uma “nova razão do mundo”, baseada em preceitos neoliberais e responsável pela concepção de uma “nova forma de nossa existência” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16), reorganizando os comportamentos e a maneira como nos relacionamos em sociedade.

Todas as práticas humanas, nessa perspectiva, incluindo as corporais e esportivas, estão submetidas às mesmas engrenagens sociais. Desse modo, as diferentes práticas ginásticas, objeto de nossas investigações, também estão sujeitas às tendências atreladas a essa racionalidade neoliberal como, por exemplo, a competição e a concorrência exacerbadas. No entanto, devido a um conjunto de particularidades, uma prática gímnica em especial vem chamando nossa atenção como uma factível possibilidade de atuar na contramão desse cenário social: a Ginástica para Todos (GPT).

Como uma vertente gímnica de participação fundamentalmente não competitiva, ela está orientada para o lazer (FIG, 2019; DOMINGUES; TSUKAMOTO, 2021) e é fortemente associada à demonstração de composições coreográficas em grupos em festivais ginásticos (PATRÍCIO; BORTOLETO; CARBINATTO, 2016). Em conjunto, essas características colocam em evidência seu potencial inclusivo e coletivo (MENEGALDO; BORTOLETO, 2020a), promovendo uma prática gímnica que frequentemente revela maior diversidade estética e técnica frente a outras ginásticas.

A observação prolongada desse cenário situa-se na base deste ensaio, cujo objetivo é, precisamente, discorrer acerca de algumas das características da racionalidade neoliberal – competição generalizada e sistemas de concorrência, a centralização no indivíduo e processo de mercantilização das relações humanas –, sistematizada por Dardot e Laval (2016), de modo a debater algumas das potencialidades da GPT que, em nosso entendimento, situam-na como uma alternativa de prática corporal que pode desafiar essas condições sociais. Nosso propósito é, em suma, discutir essas aproximações para fomentar o reconhecimento dessa prática como contraponto em meio às tendências neoliberais no campo das práticas corporais e esportivas e que, portanto, pode contribuir para o desenvolvimento de uma outra lógica social a ser experienciada-aprendida por meio da ginástica.

DESENVOLVIMENTO

Competição e sistema de concorrência

A nova razão de mundo tem como traço marcante a competição generalizada e, por conseguinte, a instalação de um profundo sistema de concorrência que alcança todos os níveis sociais, minando a ação coletiva. Essa concorrência representa um mecanismo de relação interindividual que converge com a eficácia econômica, estando, simultaneamente, alinhada “[à]s exigências morais que se podem esperar do homem, na medida em que ela permite que ele se afirme como ser autônomo, livre e responsável por seus atos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 123). Esse é o cerne da concepção neoliberal acerca da autonomia, em que há a incitação do autocuidado nos indivíduos, fragilizando a solidariedade e a coesão social, e estimulando, sobremaneira, a maximização de seus interesses pautados em lógicas mais individuais. Associada a uma liberdade que depende da concorrência, essa suposta autonomia orienta a ação humana no sentido da competição, tornando-se mais uma variável que contribui para a impotência coletiva:

[o] neoliberalismo político, tal como se desenvolveu, teve consequências importantes nas condutas efetivas dos indivíduos, incitando-os a “cuidar deles mesmos”, a não contar mais com a solidariedade coletiva e a calcular e maximizar seus interesses, perseguindo lógicas mais individuais num contexto de concorrência mais radical entre eles. Em outras palavras, a estratégia neoliberal consistiu e ainda consiste em orientar sistematicamente a conduta dos indivíduos como se estes estivessem sempre e em toda parte comprometidos com relações de transação e concorrência do mercado (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 243).

Desse modo, quando nos referimos à questão da concorrência ou até, em termos mais usuais no campo do esporte e das práticas corporais, da competição, notamos, com facilidade, ser essa uma lógica operante e relevante. Não obstante, a observação sistemática da GPT parece confirmar um conjunto de características que orientam sua prática num sentido distinto da maioria das modalidades esportivas (competitivas)¹. Nesse âmbito, a ausência de códigos e regras em sua prática implica uma lógica isenta de uma “métrica” para sua mensuração, o que dificulta dinâmicas de comparação imediata e compulsória de resultados (BORTOLETO, 2008). Parece, nesse sentido, que a GPT se descola das rigorosas dinâmicas de concorrência, ainda que permita comparações não institucionalizadas das performances (coreografias). Com efeito, não são estabelecidos parâmetros para sua prática, ao menos não de forma objetiva e regulamentar, como ocorre com os Códigos de Pontuação empregados para normatizar as modalidades gímnicas esportivizadas (SILVA; MENEGALDO; ALMEIDA; BORTOLETO, 2021), secundarizando a comparação das performances, além de mantê-las no âmbito da subjetividade.

Esse fato, junto à ausência de categorizações etárias, de sexo ou de nível performático – encontradas frequentemente nas práticas esportivas –, atribui à GPT um processo de esportivização inacabado, com base, principalmente, em Parlebas (2001), e que vem, ao largo dos anos, resistindo à imposição de códigos gestuais mais estritos, de técnicas mais duras e, até mesmo, de ações voltadas à comparação nos moldes das outras práticas ginásticas (SILVA; MENEGALDO; ALMEIDA; BORTOLETO, 2021). Desse modo, mesmo reconhecendo algumas ações mais recentes de promoção de festivais de caráter competitivo na forma de “concursos”, como o World Gym for Life Challenge (FIG, 2019), a prática da GPT continua existindo sem um sistema que norteie a avaliação das performantes (como os referidos Códigos de Pontuação e suas respectivas diretrizes de arbitragem), o que implica, precisamente, a forma não só como os grupos executam suas performances, mas também como compõem suas coreografias.

Frente a esses argumentos, seja no que se refere aos concursos ou, especialmente, aos festivais não competitivos, poderíamos questionar: como os praticantes percebem suas próprias performances? De que maneira é possível distinguir uma apresentação de outra se não pelo “resultado”, pela nota ou pontuação atribuída ou por qualquer outro parâmetro externo que marque a diferença objetiva? De onde e, talvez, por que há a necessidade

¹ Consideramos o conceito de Esporte no sentido dado por Parlebas (2001, p. 105): “[c]onjunto de situaciones motrices codificadas en forma de competición y institucionalizadas”.

de distinguir essas apresentações? Essas, entre outras perguntas, fazem-nos pensar que, ao considerarmos a vertente não competitiva da GPT, parece existir uma participação “desinteressada” no sentido da obtenção de um “produto” ou uma gratificação, comumente associada às práticas esportivas – medalhas, notas, classificações. Assim, outras formas de reconhecimento, de satisfação e de superação pessoal podem emergir do “apresentar-se”, dos aplausos, dos elogios e, frequentemente, do “estar junto” (PATRÍCIO, 2021).

De alguma forma, portanto, a GPT parece oferecer, não só na prática cotidiana, mas também na participação em eventos, experiências distintas no que tange ao “produto final”, ao seu reconhecimento e, principalmente, à sua manutenção (MENEGALDO; BORTOLETO, 2020b). Há, seguramente, técnica, preocupação estética, compromisso e esforços – individuais e coletivos – para o aperfeiçoamento das performances nesse contexto. O que não é mandatório, entretanto, é que valha a mesma técnica para todos, que os parâmetros estéticos sejam adotados a partir de poucas referências e que o comprometimento seja motivado pelo reconhecimento, única e exclusivamente, do desempenho medido a partir dos “produtos” a que estamos acostumados – não apenas no campo do esporte, mas também na maioria das esferas da vida social. Isso significa que a GPT figura como uma possibilidade de prática do corpo que pode ressignificar o produto, o participar de um evento, o ganhar. De todo modo, é necessário cuidado, pois essas ressignificações não são regras e, mais do que isso, são totalmente dependentes das pessoas envolvidas na prática; não é impossível, por exemplo, que a prática da GPT se converta num espaço de alto rendimento e de foco nesse produto “performance tradicional”. O ressignificar, no cotidiano e na experiência de participação em eventos, exige empenho e dedicação, elementos que parecem desenhar não apenas das performances, mas também do desenvolvimento do potencial social da prática em cada grupo.

Outro cuidado que devemos ter e que também está associado a essas tendências se dá justamente com relação aos festivais. Embora tenhamos nos referido aos eventos, entendemos que a participação nos grandes festivais ginásticos, que não raro se confunde com a prática e/ou finalidade da GPT, não precisaria ser vista como única forma de expressão dessa vertente gímnica. Os formatos dos eventos e as condições de realização – especialmente as de natureza econômica – vêm sinalizando que eles não são, sempre, “para todos”.

Dessa forma, a participação nesses festivais está condicionada a questões não só de intencionalidade ou performance, visto que não participa quem quer, mas sim quem pode, considerando condições individuais e, sobretudo, do grupo que se integra. Não há dúvidas

de que os festivais congregam pessoas, promovem a diversidade e oportunizam significativas experiências aos participantes (WICHMANN; JARVIS, 2015; PATRÍCIO, 2021); ainda assim, vale nos atentarmos ao fato de que, mesmo numa prática com todas as características que viabilizam a participação, como a GPT, é possível, por vezes, reforçarmos as tais tendências neoliberais. É preciso, portanto, cuidado para não converter esses festivais em espaços que simulem, mesmo que subliminarmente, os mesmos pressupostos das competições tradicionais e seus respectivos produtos, não só no que diz respeito à performance, mas também ao status e ao reconhecimento social.

Centralização no indivíduo

Ainda no que se refere à racionalidade neoliberal, vemos que ela estabelece uma nova configuração de subjetivação, que nos induz a pensar que todas as formas de crise social podem ser interpretadas como crises individuais, fazendo com que “todas as desigualdades sejam atribuídas a uma responsabilidade individual” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 348). Nesse cenário, instala-se uma lógica de exacerbada centralização no indivíduo, que atua como uma superestima do potencial de ação do sujeito, como se ele pudesse e devesse agir a fim de liquidar quaisquer problemas em sua vida cotidiana, inclusive aqueles que estão fora de seu alcance. Isso, de certa forma, radicaliza a individualização ao passo que esse sujeito neoliberal aplica essa lógica de superpoder de ação individual a todas as atividades de sua vida, deslocando-se, gradualmente, de uma racionalidade atrelada à ação coletiva e à solidariedade em direção a “si mesmo”.

Esse mecanismo parece, portanto, alimentar o sistema de concorrência que Dardot e Laval (2016) anunciam e, mais do que isso, subsidia a ideia do “sucesso como valor supremo, sejam quais forem os meios para consegui-lo” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 361). Também daí podemos pensar numa sociedade onde não só a ideia de especialização está muito presente, sendo extremamente valorizada, como também é reforçada a seleção como forma de intensificar as relações de concorrência. Embora toda essa conjuntura nos lembre de um contexto voltado ao desempenho profissional/laboral, não é apenas nessa esfera que essa racionalidade irá moldar as relações, uma vez que, como os autores sugerem, ela não se constitui isoladamente como uma ordem econômica, como forma de fazer política ou de mediar as relações de mercado; ela engendra a nova forma de ser na sociedade.

Todos esses arranjos viabilizam o surgimento de um novo sujeito neoliberal, esculpido por uma governamentalidade empresarial que o define “pela maneira como ele

quer ser bem-sucedido, assim como [pel]o modo que ele deve ser guiado, estimulado, formado, empoderado para cumprir seus objetivos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 328), reforçando esse mecanismo individual a ponto de transformar o sujeito numa “entidade em competição” que irá sempre na direção da maximização de seus “produtos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 328). Nesse sentido, cria-se a ideia de um sujeito “empreendedor de si [que] é feito para ganhar” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 353), tendo como premissas a competição e o desempenho. A questão é, precisamente, o quanto essa lógica está arraigada nas diferentes esferas da vida cotidiana e um dos contextos debatidos por Dardot e Laval (2016, p. 353) é, justamente, o “esporte de competição”, que se constitui como uma prática social que cultiva a lógica do desempenho de forma a alterar o seu significado subjetivo.

Assim, a centralização no indivíduo está, em linhas gerais, pautada nessa ideia de responsabilidade individual, do “cuidar de si”, da eficácia, e do incessante – e, por vezes, invisível – estímulo do referido sistema à competição e à seleção, resultando em processos que potencializam a exclusão e forjando cenários predominantemente de ação individual. Há, portanto, vários contrapontos possíveis de serem estabelecidos entre essas tendências e as particularidades da GPT. Trataremos, neste ensaio, de dois deles.

O primeiro é, precisamente, a lógica interna dessa prática e suas implicações para a valorização do indivíduo e do coletivo, simultaneamente. Com base no conceito de lógica interna das práticas corporais ou, ainda, das situações motrizes (PARLEBAS, 2001), é possível dizer que a GPT se concretiza numa lógica sociomotriz, isto é, numa prática que se funda na ação conjunta e na busca constante pela otimização das relações de colaboração entre os participantes (MENEGALDO; BORTOLETO, 2020a). Nesse sentido, a comunicação emerge como elemento central da ação. Ademais, essa natureza práxica (PARLEBAS, 2001) combinada à ausência de critérios objetivos para a composição e a mensuração da performance, desdobra-se numa prática onde o destaque do desempenho individual perde relevância, de modo que a ação de cada participante descolada ou distanciada da ação do grupo, independente de habilidade ou técnica, destoa de sua lógica operativa.

Com isso, não estamos dizendo que não há a possibilidade de momentos de destaque de performances individuais durante uma coreografia ou que não é desejável que aqueles que porventura dominam um elemento gímnico de maior dificuldade possam executá-lo. De fato, diversos grupos de GPT são comumente constituídos por integrantes com diferentes níveis de habilidades e, portanto, há de ser feito um manejo pedagógico em ambos os sentidos, para contemplar as individualidades e os diferentes níveis de domínio/controle da técnica,

do corpo, da performance. No entanto, tendo em vista sua lógica interna, cada grupo poderá orquestrar as individualidades de diferentes maneiras, mas com a intenção de manter em evidência a ação coletiva: a performance do grupo.

Nesse âmbito, os produtos da GPT, mais uma vez, ganham destaque visto que são marcados pelo coletivo – seja quando tratamos do produto corporal, isto é, das composições/performances coreográficas, seja quando tratamos de outros produtos, como as habilidades sociais e as amizades construídas entre os integrantes. Assim, a ação individual no contexto dessa prática tem papel coadjuvante na medida em que não só sua lógica interna, mas seu predomínio não competitivo, o formato de seus festivais e outros tantos aspectos convergem para a valorização da ação coletiva.

Já adentrando no segundo contraponto, essa dinâmica que pende para a ação conjunta tem implicações diretas no processo de reconhecimento não apenas dos produtos da prática, mas também do sucesso – ou, da eficácia –, uma vez que, ao priorizar a ação coletiva, as relações de cooperação, comunicação e, inclusive, de dependência dos(as) companheiros(as) de prática também ganham um novo peso. Esse peso, quando manejado no interior do grupo de forma eficiente, pode contribuir ainda mais para a intensificação dos laços entre seus integrantes, por exemplo.

Com efeito, o predomínio da ação coletiva associada a outras particularidades da GPT atribui a essa prática gímnica um lugar distinto também no que concerne aos processos ou às ações de seleção. Isso, conseqüentemente, reflete em seu potencial inclusivo. Novamente, estamos diante de potências da prática que, com toda certeza, variam, respondem e desenvolvem-se de formas distintas frente aos diferentes modos de funcionamento e de organização definidos pelos grupos para suas respectivas atividades. O aspecto que pode desafiar as premissas neoliberais acerca da seleção e da eficácia é justamente a ausência de um conjunto limitado de referências externas acerca do rendimento e da performance. Na GPT, inúmeras referências do que é eficaz – corporalmente, tecnicamente, coreograficamente, “artisticamente” – podem emergir, modificando-se, inclusive, ao longo do tempo. É por essa razão que se torna difícil – e, diríamos, ilógico – que se estabeleçam critérios, referências ou diretrizes que incentivem e promovam tanto a seleção de praticantes como a comparação objetiva de composições coreográficas e/ou habilidades gímnicas.

O resultado disso, portanto, é facilmente observável nos festivais ginásticos, na grande diversidade de perfis dos praticantes. Além disso, um detalhe importante é, justamente, a não demarcação dessas diferenças, visto que não há, em sua maioria, uma separação

entre as performances de grupos compostos por crianças, adultos ou idosos, por níveis de habilidade, por temáticas ou por materiais. Ademais, essa heterogeneidade que, por vezes, está presente dentro de um mesmo grupo, influencia as próprias composições coreográficas. Não eventualmente, a soma das individualidades – não só no que diz respeito a habilidades gímnicas, mas também a experiências de vida, a outras práticas expressivas, à criatividade e até mesmo aos interesses dos integrantes – permite a elaboração coletiva de coreografias que não podem ser atribuídas única e exclusivamente ao professor ou a um ou outro indivíduo do grupo. Isso faz com que os créditos, o reconhecimento e a responsabilidade sejam diluídos de forma mais horizontal, especialmente em grupos que trabalham pautados na ideia de construções coreográficas coletivas (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017; LOPES, 2020). Assim, ainda que modos de funcionamento mais dialógicos não sejam uma regra para o desenvolvimento da GPT, eles são possíveis e, quando empregados, são uma forma de ação coletiva que vai de encontro às premissas neoliberais enraizadas na vida ordinária, visto que permitem o exercício da responsabilidade compartilhada, pautada na cooperação, descolando-se de uma lógica individual acerca da responsabilidade e do comprometimento.

Mercantilização das relações humanas

Uma das mais visíveis implicações da racionalidade neoliberal está justamente no impacto desse sistema nas relações sociais. A partir do que intitulam como “mercantilização das relações humanas”, Dardot e Laval (2016) associam a degradação das relações sociais às tendências que se dão acerca de uma espécie de “fluidez” e “liquidez” das personalidades do nosso tempo. Fazem referência, inclusive, a uma das obras do sociólogo e historiador Richard Sennett, para discutir uma organização mais flexível, típica dessa nova racionalidade, e que, curiosamente, é entendida como o que permite que o sujeito seja livre para moldar sua própria vida, ainda que, simultaneamente, degrade “tudo que existe de estável na personalidade: os laços com os outros, os valores e as referências” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 364).

Ao mencionarem um cenário saturado de sentimentos instrumentalizados, os autores indicam que se relacionar em uma realidade preenchida pela governamentabilidade empresarial não é garantia de laços sociais pautados em solidariedade, ao contrário do que se prega. Essa configuração neoliberal irá discursar e advogar sobre coletividade e pertencimento, mas irá entregar, na maioria dos contextos, a instrumentalidade e a cooperação forçada e momentânea, típicas do modo de produção de nosso tempo:

[c]omo a principal qualidade que se espera do indivíduo contemporâneo é a “mobilidade”, a tendência ao desapego, e à indiferença que dele resulta, isso acaba contrariando os esforços para exaltar o “espírito de equipe” e fortalecer “a comunidade da empresa”. Mas essa valorização do teamwork dentro da nova organização do trabalho não tem nada a ver com a constituição de uma solidariedade coletiva: equipes de geometria variável são estritamente operacionais e funcionam em relação a seus membros como uma alavanca para levar a contento os objetivos determinados. Mais amplamente, a ideologia do sucesso do indivíduo “que não deve nada a ninguém” [...] destrói o vínculo social, na medida em que este repousa sobre deveres de reciprocidade para com o outro (DARDOT; LAVAL, p. 365-366).

Cabe mencionar que diferentes pesquisadores no campo da GPT vêm destacando a relevância da dimensão social dessa prática gímnica, como a interação, as construções coletivas e a formação humana (PÉREZ-GALARDO; SOUZA, 1995; PAOLIELLO; TOLEDO; AYOUB; BORTOLETO; GRANER, 2014; TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016; MENEGALDO; BORTOLETO, 2020c). Mais recentemente, outros estudos vêm colocando em evidência as relações humanas e, por vezes, dialógicas, nos contextos de desenvolvimento da GPT, utilizando diferentes aportes teóricos (BENTO-SOARES, 2019; LOPES, 2020; PATRÍCIO, 2021). Em nosso caso, o estudo dessa dimensão social se centra na constituição e na manutenção das relações sociais entre os praticantes desde uma perspectiva sociológica, buscando compreender os potenciais dessa ação coletiva da GPT no que se refere aos vínculos, ao reconhecimento social, ao pertencimento e ao desenvolvimento de habilidades sociais (MENEGALDO, 2018).

Assim, um dos principais aspectos ao colocarmos em evidência o diálogo entre os potenciais da GPT e a demanda por relações sociais mais solidárias, forjadas a longo prazo e que tenham como sustentação, por exemplo, a cooperação e o respeito, é a associação entre as relações humanas e a ideia de produto. Em outras palavras, referindo-nos a Dardot e Laval (2016) e até mesmo a outros estudiosos no campo das ciências sociais (SENNETT, 2006; BAUMANN, 2009; HAN, 2018) a respeito do tópico das relações, fica evidente que há um peso significativo para as relações instrumentais que, sem dúvidas, estabelecem-se entre os sujeitos nos mais distintos campos sociais, mas que, muitas vezes, estão condicionadas a interesses outros que não à relação em si. É aí, dentre outros motivos, que o relacionar-se no nosso tempo está também associado ao imediatismo, à instabilidade, à volatilidade, à frustração e ao curto prazo, visto que todos esses aspectos, não à toa, relacionam-se também fortemente ao sucesso, à eficácia e à concorrência.

O que nos cabe, neste momento, é indicar que, da mesma forma que em outros paralelos aqui apresentados, a GPT dispõe de uma “redoma” que permite e, frequentemente,

prioriza um estar junto mais estável, mais intenso (e, por vezes, mais tenso, em função dessa intensidade) (MENEGALDO, 2018). Como é amplamente explorado pela literatura especializada, a prática de diferentes grupos de GPT almeja, por meio de distintas propostas pedagógicas, a constituição de um ambiente de prática que se configure como espaços de convivência intensa, de exercício do respeito e de solidariedade na medida em que buscam continuamente mecanismos para lidar com a diversidade. Vemos, nesse sentido, que a prática da GPT pode se constituir num profícuo espaço para o fomento das relações sociais e de reconhecimento cultivados no interior dos grupos. Uma prática que, combinada à adesão e à manutenção motivada não apenas pela performance, mas também por essa dimensão social (WICHMANN; JARVIS, 2015; BORTOLETO *et al.*, 2019), pode revelar-se um potente dispositivo no que diz respeito à ressignificação das relações interpessoais, abandonando o estado instrumental em busca de relações sólidas e profundas – base para uma sociedade mais coletiva e sensível às necessidades que excedem o individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a racionalidade proposta por Dardot e Laval (2016) permite uma visão abrangente sobre as condições sociais que modulam as relações humanas e que tendem a ser reproduzidas nas mais distintas práticas cotidianas. Com este ensaio, portanto, nossa intenção não é apresentar “soluções” para o cenário em questão ou impulsionar um discurso que superestime o alcance de uma prática corporal, pois sabemos que, da mesma forma que os traços dessa racionalidade estão involucrados nas mais diferentes esferas da vida ordinária, reconhecemos que superar essas tendências exige pequenos esforços diários, em diferentes campos sociais. Por certo, somente é possível operar pequenas mudanças, resistir e modificar a sociedade, transformando as práticas sociais em diversas dimensões da vida humana.

Ao dar luz às características e aos potenciais dessa prática gímnica no que tange, especialmente, à convivência e às relações sociais em tempos em que a experiência das relações vem se tornando cada vez mais fragilizada, situamos a GPT como uma possível prática de resistência. Parece-nos, então, que essa prática se alinha às demandas sociais de nossos tempos, o que faz ser importante o reconhecimento desses potenciais e das formas de transformá-los em pequenas, efetivas e contínuas ações.

Ao destacar potenciais como coletividade, diversidade, inclusão, participação ativa, manutenção da prática a longo prazo e o cultivo do pertencimento, entendemos estar apontando

para a construção de um processo cotidiano de resistência e de ressignificação das tendências à racionalidade neoliberal. Apesar disso, vale também recordarmos e estarmos atentos à possibilidade de converter práticas como a GPT em espaços que reforçam tendências e engendramentos típicos desse sistema, apontados por Dardot e Laval (2016). De todo modo, convencidos de seus potenciais, aqui, defendemos a prática da GPT frente às urgências não só de natureza pedagógica, técnica e corporal, mas também social, de convívio, de coletivo e de solidariedade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. O medo líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENTO-SOARES, Daniela. Formação de treinadores(as) de Ginástica para Todos no mundo: uma análise de programas de federações nacionais. 294p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2019.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na ginástica geral. *In: PAOLIELLO, Elisabeth. Ginástica geral: experiências e reflexões. São Paulo: Phorte, 2008, p. 167-190.*

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; HEINEN, Thomas; SCHIAVON, Laurita Marconi; TOLEDO, Eliana; OLIVEIRA, Mauricio dos Santos; PASCUA, Livia Machado; MENEGALDO, Fernanda Raffi. What motivates people to participate in a non-competitive gymnastics' festival? A case study of World Gymnaestrada. *Science of Gymnastic Journal*, v. 11, p. 15-22, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Laís Santos; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Ginástica para todos e lazer: onde seus caminhos se cruzam? *Corpoconsciência*, v. 25, n. 1, p. 171-186, 2021.

FIG. Manual of Gymnastics for All, 2019. Disponível em: https://www.gymnastics.sport/publicdir/rules/files/en_Gymnastics%20for%20All%20Manual,%20Edition%202019.pdf. Acesso em fev. 2021.

GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elisabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. *In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elisabeth (org.). Ginástica para todos: um encontro com a coletividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 165-198.*

HAN, Byung-Chul. No enxame: Perspectivas do digital. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

LOPES, Priscila Regina. “A gente abre a mente de uma forma extraordinária”: potencialidades da pedagogia freiriana no desenvolvimento da Ginástica Para Todos. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo, SP, 2020.

MENEGALDO, Fernanda Raffi. Ginástica para todos: por uma noção de coletividade. 2018. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para todos: o que a Praxiologia Motriz diz sobre isso? *Conexões*, Campinas, SP, v. 18, p. e020014, 2020a.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. The role of time and experience to the Gymnastics for All: building a sense of collectivity. *Science of Gymnastics Journal*, v. 12, n. 1, 2020b, p. 19-26.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para todos e coletividade: nos meandros da literatura científica. *Motrivivência*, v. 32, n. 61, p. 1-17, jan./mar., 2020c.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa. Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos. Campinas: Unicamp, 2014.

PARLEBAS, Pierre. Léxico de Praxiologia Motriz juegos, deporte y sociedad. Barcelona, Editorial Paidotribo, 2001.

PATRÍCIO, Tamiris Lima. Ser no mundo e ser com outro: experiências vividas em um festival de ginástica. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo, SP, 2021.

PATRÍCIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 30, n. 1, p. 199-216, 2016.

PÉREZ-GALLARDO, Jorge, SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. La experiencia del Grupo Ginástico Unicamp en Dinamarca. Congreso Latino Americanoichper, Foz do Iguaçu. Anais. Foz do Iguaçu: ICHPER-SD, 1995, p. 292-298.

SENNETT, Richard. A Corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Helen Maria Rodrigues; MENEGALDO, Fernanda Raffi; ALMEIDA, Tabata Larissa Almeida; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O processo de esportivização das práticas ginásticas: particularidades da Ginástica para todos. Revista Acción Motriz, v. 26, p. 52-63, 2021.

TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi; CARBINATTO, Michele Viviene. “Fundamentos da ginástica para todos.” *In*: NUNOMURA, Myrian (org.). Fundamentos da ginástica. 2. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

WICHMANN, Angela; JARVIS, Nigel. Commitment, expertise and mutual recognition: oscillating sports tourism experiences of performing and watching at the World Gymnaestrada, Journal of Sport & Tourism, dez. 2015.